

René Armand Dreifuss

Transformações: matrizes do século xxi

ESTRELLA BOHADANA

René Armand Dreifuss, um dos mais brilhantes cientistas políticos da atualidade, falecido em maio de 2003, ainda agracia o leitor brasileiro com sua obra póstuma *Transformações: matrizes do século XXI*. Com quase 700 páginas, o autor do clássico *1964: a conquista do Estado*, publicado pela Editora Vozes em 1980, deixa um legado que afirma um pensamento inquieto e ousado, sempre disposto a analisar e a denunciar os diferentes liames que tecem os fios do poder.

Mergulhando nas várias articulações das corporações que constituem o sistema de produção global, em *Transformações: matrizes do século XXI*, Dreifuss desvenda os vínculos entre as diferentes corporações e a maneira pela qual estas alimentam as tecnognoseonomias e os pólos motores de desenvolvimento tecnológico e de produção – estes de alcance global e matricial – e por eles são alimentadas.

Transformações: matrizes do século XXI apresenta uma investigação rica e minuciosa das mutações tecnológicas, permitindo aprofundar dois conceitos importantes, já elaborados por Dreifuss em seu livro *A época das perplexidades*, publicado em 1996 pela Editora Vozes, hoje na 4ª edição: o de capacitador teleinfocomputrônico satelital e o de tecnobergs.

No que tange ao capacitador teleinfocomputrônico satelital, esse aprofundamento conceitual se dá quando o autor demonstra que, como potência, o capacitador retroalimenta as mais diversas descobertas científicas, além de se constituir em potente suporte viabilizador de um novo modo de produção e de novas organizações sociais da produção, ambos sinergeticamente transnacionalizados e realizando-se de maneira global.

Constata, assim, o autor que estamos diante de uma nova forma de existência que supera distâncias, propiciando inovações na mobilidade e na agregação social, facilitando

a vinculação sistemática, constante, ampla e profunda dos “muito distantes” (em termos de personalidade, cultura e geografia), mediante a despersonalização do ato rotineiro de comunicação em rede – ou da redução do indivíduo a uma imagem e a uma voz –, possibilitados pelos sistemas de comunicação digitalizada.

Esses sistemas, por sua vez, ao provocar seqüências de interação pontual, serial e circunstancial, tornam-se manifestações que se processam tanto dentro de perímetros nacionais, estando espacialmente localizadas, quanto em espaços transfronteiriços, como eventos desterritorializados.

Dessa maneira, tais sistemas desempenham papéis essenciais como insumo e como produto final, sendo ao mesmo tempo instrumento de produção e de serviço e operador em tempo real. Tendo como traço marcante sua difusão mundial em curtíssimo intervalo de tempo, são tecnologias aplicadas em todas as atividades do planeta, vinculadas completamente ao existir humano e afetando todas as funções societárias. Assim, ao colocar a comunicação no comando do cotidiano, o complexo capacitador teleinfocomputrônico delinea também outro paradigma cognitivo.

Já o termo “tecnobergs”, refere-se a um conceito que designa as “montanhas tecnológicas configuradas na topografia socioeconômica”, assinala o autor, “que, em analogia com os *icebergs*, possuem uma massa maior sob a superfície, isto é, em seu embasamento cultural-civilizatório”.

Aprofundado o conceito do capacitador, Dreifuss, de forma engenhosa, demarca um novo estágio para designar os tecnobergs. Os tecnobergs passariam a determinar os processos de modificações substanciais nos horizontes e no sentido de vida, reformulando as relações entre estados, delineando uma nova heterotopia econômica transnacional e uma nova ordem internacional e transfronteiriça do conhecimento, ambas acopladas a uma heterarquia político-estratégica.

No mundo dos tecnobergs, afirma Dreifuss, esboçam-se os elementos constituintes de um novo modo de organização social da produção globalizada, os quais demandam uma profunda reorganização empresarial, com conseqüências no comércio entre as nações.

Além disso, contribuem para o desemprego estrutural, em seu formato atual, e para o lazer ampliado para grupos seletos. Estimulam novas dimensões da pesquisa e da utilização da ciência e da tecnologia, direcionando o processo de produção de conhecimento, de desenvolvimento de saberes e destrezas, bem como de sua aplicação, fortalecendo, como gnoseonomia, os entornos da oikonomia.

No cerne dos tecnobergs, as corporações, até então localizadas em função de uma racionalidade bipolar (doméstico-multidoméstico, local-multinacional) de instalação das

indústrias e dos serviços, passam a ser globalizadas, principalmente no âmbito dos mercados nacionais, regulados a partir de estados nacionais e autoridades locais, e articulados por meio das trocas comerciais entre nações.

Estes tecnobergs alavancam três fenômenos multifacetados, simultâneos, diferenciados e que se reforçam mutuamente: a mundialização de estilos, usos e costumes (metanacional); a globalização tecnológica, produtiva e comercial (transnacional); e a planetarização da gestão (supranacional). Esses fenômenos (também apresentados em *A época das perplexidades*) são discutidos agora a partir do amplo acoplamento do processo de concentração de controle de propriedade dos meios de produção e comercialização, que se dá em cada segmento dos produtos de consumo de massa. Esse processo de concentração é visto no livro por meio das fusões, alianças e aquisições, em movimentos transnacionais (intra, inter e multissetoriais) e apoiado na interação potencializadora dos variados conhecimentos.

Quanto à mundialização, o livro apresenta a maneira pela qual esse processo, ao se complexificar a partir da concentração e do controle, é conduzido para um outro estágio, que se dará por meio da teia de corporações-em-rede que, resultante da convergência dos meios de produção, de comercialização e de interação dos vários conhecimentos, faz nascer uma forma de tecido sinérgico, interligando ainda mais os processos de mundialização e de globalização.

Já a globalização, que se expressa na entronização de um novo modo de produzir, gerir e consumir, passa a exigir que se considere o “mercado” não somente na sua nova configuração espacial (de dispersão territorial) e em suas novas abstrações conceituais, de novos patamares “reterritorializados” de atuação, mas também na nova realidade em que há uma dupla “desterritorialização” dos espaços.

A primeira desterritorialização ocorre na reconfiguração do espaço pelas próprias corporações estratégicas, que constituem um mercado “interno”, cuja estrutura hierárquica de decisões e contratos da empresa-mãe (mesmo que estejam situados em territórios distantes ou em corporações distintas), em paralelo a um mercado transnacional, representa transações e articulações entre corporações geograficamente dispersas. A segunda é provocada e ampliada pelo comércio eletrônico, com sua nova temporalidade e nova dinâmica de negócios.

Nessa nova dinâmica, o processo globalizante passa a se constituir e a se configurar a partir de ações e sentidos de atuação diversos: assegurando a produção transnacional, concentrando a propriedade e o controle dos agentes, oligopolizando os meios de pesquisa e a produção por meio de fusões e incorporações, por alianças e *joint ventures*, por aquisições e absorções, etc.

A viabilização e a estruturação da produção transnacional são realizadas e centradas no que será definido como corporações estratégicas, cujo funcionamento, controle e possibilidade de atuação globalizada são fundados pelo complexo teleinfocomputrônico satelital. Ele permite uma nova dimensão de comunicação e articulação, de concatenação e centralização, de comando e realização. Através dos tecnobergs, redes de macrocorporações consolidam-se em megaconglomerações. As redes de redes (redes corporativas em rede) realçam a nova dimensão intrassetorial e multissetorial.

De maneira clara, Dreifuss nos mostra como as corporações estratégicas interagem por meio de matrizes e o que elas passarão a definir como suas *core competences*, num processo concentracionista que desmonta a lógica anteriormente prevalente de grandes conglomerados de capital com investimentos diversificados, estipulando agora uma nova relação entre ciência e tecnologia como eixo de refocalização das cadeias produtivas.

Ao mesmo tempo, dá-se a transição-em-rede dessas redes para um tecido de pesquisa e produção transnacional, muito mais complexo em seu desenho produtivo e de comercialização, sustentado por conhecimentos e agindo como concentrador de capacidades. Para Dreifuss, a nova realidade configura uma sucessão infindável de compras, vendas, desmantelamentos e integrações complementares.

Como desdobramento, forma-se, também, uma heterotopia tecnoprodutiva multinacional, transitória em tempo e em referências, configurando rapidamente uma equivalência gnoseogeonômica, ambas determinadas pelo entrelaçamento de focos indutores de ciência e tecnologia, com a correspondente concentração de conhecimento e disponibilidade para realizações de ponta, através de pólos motores tecnoprodutivos e de plataformas terceirizantes e quarteirizantes de produção e comercialização.

A integração global de operações empresariais e atividades tecnoprodutivas, afirma o autor, compreende não só a luta por mercados e sua partilha, mas o desenvolvimento de estratégias corporativas de participação nos mercados, buscando formas de compartilhá-los.

A lógica da infonomia ou da gnoseonomia dos tecnobergs e da formação de sociedades de informação é a da primazia das *core competences* e da determinação de padrões a partir delas, com base na dinâmica de integração de meio, mensagem e conteúdo. Partindo de cada segmento, procura-se *expertise* nos outros, assim como complementação.

De maneira brilhante, encontramos em *Transformações: matrizes do século XXI* o modo pelo qual as corporações estratégicas do complexo capacitador de conteúdo

buscam a fusão ou a absorção de corporações que possam viabilizar suas opções de comando e indução científico-tecnológica (ou seja, que lhes permitam dominar os vários segmentos de conhecimento que o compõem) e de predominância tecnonômica no espaço multimidiático e multifuncional do emergente sistema teleinfocomputrônico satelital de produção e de serviços. As empresas procuram controlar o formato, os meios e o conteúdo.

Os vários movimentos de mundialização, globalização e planetarização, assim como as tendências à configuração de hierarquias de conhecimento mutáveis, heterotopias-em-recomposição de pesquisa e produção, poliarquias supranacionais em gestação e heterarquias político-estratégicas convergentes implicam uma formidável, multiforme e complexa emergência e constituição de uma nova realidade. Esta realidade paradoxal, na qual uma parcela significativa da população mundial se encontra excluída dos benefícios de tamanha concentração de conhecimento dos tecnobergs, clama por ser repensada e reestruturada, a fim de devolver à humanidade a crença de que é possível fazer do planeta um *habitat* digno da nossa existência.

E, em memória a René Armand Dreifuss, que acreditou na capacidade de o homem transformar a realidade, nada como lembrar a frase com a qual encerra o seu *Transformações: matrizes do século XXI*: “E o jogo continua...”